



Teatro Académico de Gil Vicente

Praça da República
3000-342 Coimbra, Portugal

teatro@tagv.uc.pt
+351 239 855 630

Receção
segunda a sexta — 14h00 às 19h00

Bilheteira
segunda a sábado — 17h00 às 22h00
239 855 636
bilheteira@tagv.uc.pt, tagv.bol.pt e FNAC

Em espetáculos a realizar fora do horário de funcionamento, a bilheteira abre 1h00 antes dos mesmos, encerrando 30 minutos após o seu início.

Descontos para os espetáculos assinalados aplicam-se a menores de 25 anos, estudantes, comunidade Universidade de Coimbra, maiores de 65 anos, grupo ≥ 10, desempregados e parcerias TAGV.

Café TAGV
segunda a quarta — 14h00 às 01h00
quinta a sábado — 14h00 às 02h00
domingo — encerrado
239 052 563

Os lugares A23 e A24 situados ao lado da zona PMR (pessoas de Mobilidade Reduzida) são reservados, até 3 dias antes do dia do evento, para acompanhantes PMR e deverão ser solicitados na bilheteira local através do endereço bilheteira@tagv.uc.pt ou pelo telefone 239 855 630 (14h00 às 19h00) e bilheteira 239 855 636 (17h00 às 22h00).

TAGV é uma estrutura da Universidade de Coimbra

Temporada 2018/19 set — dez

Diretor Fernando Matos Oliveira
Diretora adjunta Luísa Lopes

Administração António Patrício

Comunicação
Coordenação Marisa Santos
Fotografia/apoio à divulgação Cláudia Morais
Estágios (FLUC) André Heitor, Fábio Costa

Produção
Coordenação Elisabete Cardoso
Cláudia Morais

Equipa técnica
Direção técnica Filipe Silva
Luz Celestino Gomes, João Conceição
Audiovisual José Balsinha
Som Mário Henriques
Projeção e maquinaria de cena João Silva
Carpintaria cénica e maquinaria de cena Laurindo Fonseca
Auxiliar técnico Rui Ventura

Bilheteira e Frente de casa
Coordenação Rosa Maria Marques
Bilheteira Catherine Carvalho,
Inês Patrício, Sara Silva

Limpeza
Coordenação Antónia Mimoso

Assistência de sala
Ana Luísa Santos, Ana Rita Brás, André Gomes, Andreia Silva, Catherine Carvalho, Fábio Magalhães, Hélder Rodrigues, Inês Patrício, João Correia, Joana Amado, João António Rico, João Marcelo, Lurian Klein, Mafalda Mesquita, Mariana Mendes, Rafaela Almeida, Vicente Paredes

Design gráfico Burocratik

Edição e Revisão Marisa Santos, Cláudia Morais

TEATRO
QUI • 21H30

22
NOV

1H00 • M16
7€/5€ (C/DESC.)

A Casa de Bernarda Alba

— Nova criação de João Garcia Miguel



Texto original Federico Garcia Lorca
Direção, Espaço Cénico, Texto João Garcia Miguel
Assistência à Encenação Rita Costa, Eurico D'Orca
Interpretação Sean O'Callaghan, Annette Naiman, Paula Liberati, Duarte Melo
Figurinos Rute Osório de Castro
Música Ricardo Martins
Direção de Produção em Portugal Georgina Pires
Agenciamento Internacional Vesela Molovska
Direção Técnica Roger Madureira
Consultoria de Imagem e Comunicação em Portugal Alcina Monteiro
Apoio Técnico AUDEX
Coprodutores Companhia João

Garcia Miguel, Teatro Ibérico, Teatro-Cine de Torres Vedras, CMTV, Teatro Aveirense, CMA, Junta de Freguesia do Beato, IIEFP
Apoio Teatro da Garagem, São Paulo, IFICT, CML
Parceria Teatro Académico de Gil Vicente (Coimbra), Teatro Eduardo Brazão (Bombarral), Cine Teatro Castelo Branco, Festival Y, Teatro Virginia (Torres Novas) Teatro das Figuras (Faro)
A Companhia João Garcia Miguel é uma estrutura financiada pela República Portuguesa - Cultura / Secretaria de Estado da Cultura / Direção Geral das Artes
Fotografia Mariana C Silva
Espetáculo bilingue Português/ Inglês, com legendagem
Local auditório TAGV

A liberdade, Sancho, é um dos mais preciosos dons que os deuses deram aos homens, com a qual não podem igualar-se os tesouros que encerra a terra ou oculta o mar; pela liberdade assim como pela honra pode e deve-se aventurar a vida.

— Miguel de Cervantes

Neste momento dramático, o artista deve rir e chorar com o povo. É preciso largar o molho de lírios e mergulhar até à cintura na lama para ajudar os que buscam lírios. De minha parte, tenho uma necessidade genuína de me comunicar com os outros. Por isso bati às portas do teatro e agora dedico a ele todos os meus talentos.

— Federico Garcia Lorca

Sinto a poesia, a vida, o olhar e a missão artística de Federico Garcia Lorca como uma conexão profunda com a terra e o corpo. Esses são como parceiros e cúmplices de sempre, antigos. A ligação com a escrita e o universo de Lorca é um entendimento do cosmos, uma herança perdida e reencontrada que se funda na lama em que se mergulha, procurando a sementes de flores. E a música. A escolha de A Casa de Bernarda Alba é um apelo contra o isolamento que aumenta no mundo. É por isso um libelo, um resistir.

Regressaram as figuras de “Bernardas Albas” crescendo à luz cruel dos nossos dias, como monstros que despedaçam vidas. As “Bernardas Albas” fecham as casas, que é como quem diz, as nossas instituições tornando-as a cada dia mais coercivas. Em definitivo há que continuar a lutar porque as oportunidades não são iguais para todos. As “Bernardas” propagam discursos onde subentendem mecanismos de repressão e censura como se defendessem liberdades. Fazem-nos confusos. A diminuição da liberdade do indivíduo é uma actividade diária, uma sucessão de acontecimentos que não se conseguem repudiar e que nos acometem e acantonam em “existências prisão”. O medo deita-se connosco todas as noites. A ameaça da “morte do pai” – aquele que nos pode salvar e conduzir a um futuro melhor e brilhante é constantemente invocado. Fazem-nos órfãos do futuro e do passado.

A exacerbação do presente ameaçador e perigoso é uma força que asfixia e atrofia os músculos do entusiasmo e da vontade de viver. Por oposição natural, a força da terra e da Deusa Mãe reacende-se e ressurgue de modo confuso e paradoxal imprimindo aos corpos de homens e mulheres um grão de insanidade insurgente. O medo do corpo que se infantiliza e recusa morrer, procurando fixar-se num perpétuo presente imutável, amplia a percepção dos cinco sentidos. Na peça, é a morte do pai que precipita a clausura e opressão das mulheres. No mundo, é a separação do passado e a desagregação do presente que levanta sentimentos de desprotecção e autoriza a escalada da opressão.

Ao futuro só chegaremos se formos obedientes e cumprirmos todas as regras. As que existem e as que ainda serão criadas. As circularidades asfixiantes dos poderes autoritários disfarçados de gestos democráticos, exercem crescentes influências limitadoras das liberdades individuais. O gigantismo das grandes instituições e estruturas sociais adaptadas a uma globalização invasiva, desenvolvem formas de despotismo aberto, sem pudor nem freio que as contenham. É o poder das novas ditaduras sociais que em nome da segurança, impõem ao cidadão global regras de conduta e de transparência que condenam a intimidade e a privacidade — como Bernarda Alba o exerceu em sua casa. Essas novas formas de poder surgem associadas às ordens e regras que as instituições sociais nos vão suave e gentilmente agrilhoando. O corpo e a terra precisam de falar. Demos-lhe a voz que Lorca nos deixou.

Quanto à metodologia de trabalho esta segue um processo de reescrita do texto a partir de um processo performativo de experimentação e pesquisa com os actores. O texto de Federico Garcia Lorca é um pretexto para a criação sendo a autoria do texto final de João Garcia Miguel.

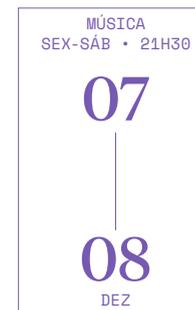
Agradeço a inspiração para estas notas e a agudeza de pontos de vista acerca da obra de Federico Garcia Lorca que retive do artigo: **O PODER E AS INSTITUIÇÕES EM A CASA DE BERNARDA ALBA**, de Odirlei Viane Uavniczak, lido em http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num09/art_05.php

A CASA DE BERNARDA ALBA é uma leitura sobre o nosso tempo, uma metáfora acerca do mundo, da humanidade, da própria relação pessoal do encenador com as coisas, uma reflexão crítica sobre a clausura individual e coletiva. A pertinência do texto está no paralelo entre a época de Garcia Lorca e a atualidade: as pessoas consideram que fecharem-se sobre si próprias, fecharem as suas casas, fecharem os seus países, fecharem as suas realidades, seria naquela época e será atualmente a melhor resposta para enfrentar os problemas que nos afligem – a insegurança, a falta de perspectivas para o futuro, a falta de esperança de que as coisas melhorem. Assistimos hoje ao regresso a um mecanismo de encerramento, que está na humanidade em geral e é maior que as crises económicas, uma tendência cíclica para o fechamento e o individualismo. Há textos que falam connosco e eu também fui sentindo no corpo este crescendo de clausura, que o próprio mundo vai apresentando. Eu também estou nesse grupo de pessoas que se sente hoje de alguma forma ameaçada, posta em causa. Isto quando acontece arrasta-nos a todos.

— Excerto da entrevista realizada a 15 de novembro de 2018, por Fábio Costa (estágio FLUC), a João Garcia Miguel

JOÃO GARCIA MIGUEL artista performativo, programador e investigador (n. 1961). As suas práticas artísticas caracterizam-se pelo experimentalismo performativo e a preocupação com o papel do artista enquanto investigador e interventor social. A criação, investigação e formação são a base permanente das suas atividades. Escreve obras performativas e ensaios sobre o ato criativo, o corpo e o inconsciente. Fundador dos coletivos Canibalismo Cósmico, Galeria Zé dos Bois e OLHO - Grupo de Teatro. Em 2003 funda Companhia em nome próprio e abre em Lisboa, o Espaço do Urso e dos Anjos” dedicado à formação e divulgação das artes performativas. É Diretor Artístico do Teatro-Cine de Torres Vedras, desde 2008, ano em que é distinguido com o Prémio FAD Sebastia Gasch (Espanha). Em 2014 recebe o prémio Melhor Encenação Teatral com o espetáculo Yerma de Federico Garcia Lorca pela SPA - Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2016 fixa a Companhia no Teatro Ibérico em Lisboa de cuja associação é presidente desde então.

Sugestão — Música



Jorge Palma

— Expresso do Outono